

X Encontro de Extensão, Docência e Iniciação Científica - EEDIC

A FENOMENOLOGIA EM CONTRAPONTO À PSICOFÍSICA

Bruno Emanuel de Melo Brasilino; Jomábia Cristina Gonçalves dos Santos; Meury Gardênia Lima de Araújo; Moisés Rocha Farias

A Fenomenologia, no sentido etimológico, apresenta-se como “o estudo do fenômeno”. Portanto, entende-se que, na base conceitual do termo, qualquer pessoa poderia ser fenomenólogo desde que estudasse algum fenômeno. Entretanto, a Fenomenologia está além da raiz etimológica e conquistou espaço dentro da filosofia com Edmund Husserl (1859-1938), fundador da Fenomenologia que, como disse André Dartigues, “deu um conteúdo novo a uma palavra já antiga.” Antes de Husserl a Fenomenologia pode ser observada em alguns textos de pensadores como Lambert, Kant e Hegel, mas, diferentemente de Husserl, não foi definida nem desenvolvida. Já a Psicofísica, ou física da mente, seria a ciência de estudo psicológica baseada na filosofia positivista criada por Auguste Comte (1798-1857), que defendia que o único conhecimento verdadeiro, até o conhecimento sobre o homem e seu comportamento, seria o que fosse demonstrado empiricamente e que atendessem às suas teses fundamentais. A análise da psicofísica se dirigia à relação corpo-mente, e buscava um modelo apenas quantitativo que explicasse o agir humano. O objetivo deste trabalho é compreender, através de uma revisão bibliográfica, as diferenças entre o Método Fenomenológico de Edmund Husserl e a Psicofísica Positivista, esclarecendo os limites da Psicofísica como método de abordagem das vivências humanas e elucidando como a fenomenologia pode ser utilizada como método de compreensão destas vivências. Husserl dizia que o próprio princípio do Positivismo, em que o único conhecimento válido seria o sensível não havendo motivos para comprometer-se para além dos sentidos, por ser um princípio, não poderia ser provado nem negado empiricamente. Então a empiria é contraditória não podendo ser comprovada por sua própria teoria. Em contraponto à psicofísica é que surge a fenomenologia. Para Husserl, a psicofísica é reducionista ao entender o homem apenas estatisticamente, negando a introspecção, portanto não explica o que acontece no interior do homem. É preciso compreendê-lo qualitativamente. Pois, de acordo com Husserl todo fenômeno possui uma essência, um sentido, que não pode ser observado apenas factualmente. Portanto o empirismo não dava conta de explicar, ou de se retornar “às coisas mesmas”. Nesse contexto é que Husserl cria o método fenomenológico, que dar-se em dois passos. O primeiro é chamado de redução eidética e pretende retornar às coisas mesmas, ou seja, ir à busca do sentido original do fenômeno, suspendendo-o e removendo todos os pré-conceitos e juízos sobre o objeto. É o que Husserl chama de epoché. O segundo é a redução transcendental e volta-se para o eu, aqui é necessária a compreensão do fenômeno percebido e da percepção que o sujeito tem do fenômeno. A essa relação percebido-percepção, Husserl chama de noema ao objeto percebido e noesis à percepção que o eu tem do objeto. Essa relação é entendida como consciência, que vai além da percepção e do físico, trata-se, portanto, de uma categoria exclusiva do ser humano: a espiritual. É possível perceber assim a diferença entre o modelo positivista, do conhecimento experimental e concreto, e o da fenomenologia que pretende alcançar o sentido, pondo entre parênteses o conhecimento factual, não o excluindo, para se chegar à sua essência.

Palavras-chave: Husserl. Fenomenologia. Método Fenomenológico.